

“Pela paz de Jerusalém”. A origem do sionismo cristão, sua influência na igreja protestante brasileira e sua atuação no Congresso Nacional

Wilhelm Wachholz¹
André Daniel Reinke²

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v13i37.51190>

Resumo: Este artigo apresenta a história do sionismo cristão e seu desenvolvimento como pensamento escatológico protestante (inicialmente observador dos acontecimentos em torno da questão nacionalista judaica) até seu engajamento político em favor do Estado de Israel no contexto anglo-saxão e brasileiro. Este desenvolvimento será demonstrado em duas partes. A primeira, O sionismo e o sionismo cristão: uma parceria histórica, demonstra como o problema do antissemitismo encontrou solução no nacionalismo judaico (o qual resultou na criação do Estado de Israel) e como tal movimento foi apoiado pela Grã-Bretanha e Estados Unidos da América, em uma política influenciada pela teologia dispensacionalista. A segunda parte, O sionismo cristão no Brasil, demonstra como o protestantismo brasileiro – especialmente o pentecostal – possui um rosto norte-americano, de onde provém a teologia e o posicionamento político em prol de Israel. O resultado dessa influência é percebido nos discursos e ações da Bancada Evangélica no Congresso Nacional.

Palavras-chave: Sionismo, Sionismo Cristão, Escatologia, Teologia Política.

¹ Professor titular de História e Teologia da Faculdades EST, São Leopoldo/RS. Possui graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia (1991) e doutorado em Teologia pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia da Escola Superior de Teologia (2000). Desde 2015, é reitor da Faculdades EST. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4559-9673>. Email: wachholz@est.edu.br

² É doutorando em Teologia também na Faculdades EST e bolsista do CNPq. Bacharel em Desenho Industrial (habilitação em Programação Visual) pela Universidade Federal de Santa Maria (1998), licenciando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2013) e mestre em Teologia pela Faculdades EST (2018), com área de concentração em História das Teologias e Religiões. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9438-4353>. Email: andre_reinke@yahoo.com

“For the peace of Jerusalem”: the origin of Christian Zionism, its influence on the Brazilian Protestant Church and its performance in the National Congress

Abstract: This article presents the history of Christian Zionism and its development as Protestant eschatological thinking (initially observant of the events surrounding the Jewish nationalist question) to its political engagement in favor of the State of Israel in the Anglo-Saxon and Brazilian context. This development will be demonstrated in two parts. The first, Zionism and Christian Zionism: A Historical Partnership, demonstrates how the problem of anti-Semitism found a solution in Jewish nationalism (which resulted in the creation of the State of Israel) and how such a movement was supported by Britain and the United States of America, in a policy influenced by dispensational theology. The second part, Christian Zionism in Brazil, demonstrates how Brazilian Protestantism - especially Pentecostalism - has an American face, from which comes the theology and political stance in favor of Israel. The result of this influence is perceived in the speeches and actions of the Evangelical Caucus in the National Congress.

Keywords: Zionism, Christian Zionism, Eschatology, Political Theology.

“Por la paz de Jerusalén”: el origen del sionismo cristiano, su influencia en la iglesia protestante brasileña y su actuación en el Congreso Nacional

Resumen: Este artículo presenta la historia del sionismo cristiano y su desarrollo como pensamiento escatológico pro-testante (inicialmente observador de los acontecimientos en torno a la cuestión nacionalista judía) hasta su compromiso político en favor del Estado de Israel en el contexto anglosajón y brasileño. Este desarrollo será demostrado en dos partes. La primera, El sionismo y el sionismo cristiano: una alianza histórica, demuestra como el problema del antisemitismo encontró solución en el nacionalismo judío (el cual resultó en la creación del Estado de Israel) y cómo tal movimiento fue apoyado por Gran Bretaña y Estados Unidos de América, en una política influenciada por la teología dispensaciona-lista. La segunda parte, El sionismo cristiano en Brasil, demuestra como el protestantismo brasileño – especialmente el pen-tecostal – posee un rostro norteamericano, de donde procede la teología y el posicionamiento político en pro de Israel. El resultado de esta influencia es percibido en los discursos y acciones de la Bancada Evangélica en el Congreso Nacional.

Palabras clave: Sionismo, Sionismo Cristiano, Escatología, Teología Política.

Recebido em 28/11/2019 - Aprovado em 27/03/2020

Introdução

Há um intenso ponto de contato entre teologia e política internacional quando o assunto é o Estado de Israel. O resultado deste contato é o movimento chamado de *sionismo cristão*, relacionado ao sionismo, mas distinto dele. O *sionismo* é um movimento de cunho nacionalista judaico promotor do retorno do povo judeu à Palestina e retomada da soberania na forma de Estado (SIZER, 2004, p. 17); já o *sionismo cristão* trata do apoio dos cristãos protestantes ao sionismo, promovendo suas crenças religiosas e objetivos políticos (BUSH, 2009, p. 144). Portanto, o sionismo cristão é um entrecruzamento entre teologia e política, pois as razões para tal apoio são religiosas.

O sionismo cristão não foi percebido no cenário político do Brasil até recentemente. Raramente se ouvia falar sobre Israel entre a classe política, razão pela qual causou estranheza o voto do deputado Ronaldo Fonseca (PROS-DF)³ a favor do impedimento de Dilma Rousseff em 17 de abril de 2016, ocasião em que ele o justificou “pela paz em Jerusalém”. O que Jerusalém teria a ver com a presidência do Brasil? Entrevistado alguns dias depois, o deputado Fonseca explicou:

O Brasil sempre foi um instrumento de paz. O governo do PT quebrou isso, priorizando Cuba e Venezuela. Isso depõe contra nós, ficamos pequenos, nos diminuimos demais. E Jerusalém é vista pelo mundo todo. Os jornais quase todos os dias falam do Oriente Médio. Os Estados Unidos têm uma aliança muito forte com Israel. Brasil precisa mudar a política externa. Acredito que um novo governo, com o impeachment da presidente, vá contribuir para que haja paz em Jerusalém e paz no Brasil (BARRUCHO).

O deputado, membro da Bancada Evangélica, alinhou dois elementos na sua justificativa que nos interessam: 1) o governo deveria se aliar aos Estados Unidos da América, amigo de Israel; 2) e um novo governo iria contribuir para a paz em Jerusalém e no Brasil. Como este alinhamento a Jerusalém significaria paz no Brasil ficou sem explicação. Mas ela pode ser encontrada em outro lugar: na esperança escatológica de boa parte do protestantismo brasileiro, e muito especialmente no pentecostalismo, redundando no sionismo cristão. Este fenômeno foi pesquisado e resultou na dissertação

³ Os partidos políticos estão registrados neste artigo conforme a filiação do momento, não correspondendo necessariamente à situação atual do mandatário, dada a intensa troca partidária do cenário político brasileiro.

de mestrado intitulada *O sionismo cristão e sua influência na cultura protestante brasileira* (REINKE, 2018), cujos desdobramentos mais recentes serão apresentados aqui.

1. O sionismo e o sionismo cristão: uma parceria histórica

É conhecido o problema do antissemitismo nos contextos cristão e muçulmano durante a Idade Média. A situação judaica não melhorou com o advento da modernidade, revelando toda sua gravidade nos *progroms* russos de 1881 e no escandaloso caso Dreyfus ocorrido na França em 1894. O problema do antissemitismo somente encontrou solução no sionismo. O movimento nacionalista judaico foi a resposta política possível e a única ideologia que levou a sério a hostilidade de tantas populações e Estados contra os judeus (ARENDT, 1989, p. 143). Os pensadores que deram os passos teóricos para um nacionalismo judaico foram Leon Pinsker (1821-1891), publicando *Auto-emancipação* em 1882, e Theodor Herzl (1860-1904), no seu *Estado Judeu* de 1896 (LANGE, 2007, p. 64). Herzl deu início ao movimento sionista ao fundar a Organização Sionista no final dos anos 1880 (LISSOVSKY, 2009, p. 72).

Havia, portanto, uma necessidade judaica de enfrentamento do antissemitismo, para a qual o ideal nacionalista surgiu como solução. Entretanto, uma migração em massa de judeus para a Palestina necessitaria de apoio de uma potência mundial. E esse apoio veio da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, em momentos distintos, mas decisivos.

A Grã-Bretanha teve o interesse voltado para a questão judaica a partir de uma situação específica durante a Primeira Guerra Mundial, quando passou a controlar o canal de Suez, elevando o interesse estratégico na Palestina. Aquele território deveria ser defendido por representantes do Império Britânico, e os judeus poderiam ser a ponta de lança dos interesses britânicos. Naqueles anos, protestantes devotos ocupavam posições importantes no governo, em especial David Lloyd George (1863-1945), batista e simpático à causa sionista, então Primeiro Ministro, e Arthur Balfour (1848-1930), protestante pró-sionismo e Secretário de Relações Exteriores (SAND, 2014, p. 212-213). Balfour publicou uma declaração em 1917 afirmando o apoio do governo britânico ao estabelecimento de um lar nacional do povo judeu na Palestina, ampliando as migrações judaicas para aquela região – mas não por muito tempo. O problema é que a solução do “lar nacional” para os judeus não previu como lidaria com a população árabe-palestina. O conflito tomou conta do território, com árabes contrários à presença judaica praticando ações terroristas, as quais eram combatidas por judeus organizados em milícias clandestinas (LISSOVSKY, 2009, p. 146-147). Com as levas de judeus chegando a 28% da população local, e os recém-chegados comprando as melhores terras financiadas por organizações sionistas dos Estados Unidos da América, um clima de desespero tomou conta das populações palestinas. Por outro lado, a situação se complicou para os judeus

em 1939, quando o governo britânico restringiu a imigração judaica para a Palestina a 75 mil indivíduos durante cinco anos, justamente quando Hitler abria Auschwitz (WILKINSON, 2007, p. 228).

A partir de então, os Estados Unidos da América emergiram como a nova potência amiga dos judeus, recebendo as organizações sionistas da Europa e passando a trabalhar para resgatar refugiados, tendo David Ben-Gurion (1886-1973) como promotor da causa sionista em New York desde 1942. Ao final da Segunda Guerra Mundial, a ONU recomendou a conclusão do mandato britânico e a formação de dois Estados independentes na Palestina, um judeu e outro árabe-palestino. Foi o início da crise que perdura até hoje: os britânicos não cumpriram com a determinação, os países árabes se opuseram à repartição do território, e os judeus declararam sua independência em 14 de maio de 1948 (LANGE, 2007, p. 70-73). Imediatamente, o presidente norte-americano Harry Trumann reconheceu a soberania do Estado de Israel (WILKINSON, 2007, p. 229). Novos capítulos se dariam em 1956, na Guerra do Suez, quando Israel se aproximou das potências da França e do Reino Unido no conflito com o Egito, e em 1967 na Guerra dos Seis Dias, ocasião em que os israelenses venceram uma coalisção árabe, passando a ocupar a integralidade de Jerusalém e territórios antes destinados aos árabes. A situação permanece indefinida até a atualidade (LANGE, 2007, p. 75-76).

A formação do lar nacional judaico e criação do Estado de Israel na Palestina só foi possível com a participação da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos da América. Sem o amparo das duas potências, a empreitada fracassaria. As motivações de britânicos e norte-americanos foram políticas e econômicas, dentro das necessidades de cada momento histórico – mas o elemento teológico estava presente, como veremos a seguir.

1.1 O sionismo cristão na Grã-Bretanha

O sionismo teve o protestantismo anglo-saxão como seu principal aliado desde o início de sua história, a quem provavelmente deve o sucesso da empreitada. Tal apoio surgiu por motivos teológicos: a leitura *milénista*⁴ do texto bíblico de Romanos 9 a 11, cuja interpretação afirma a conversão futura dos judeus a Jesus de Nazaré, reconhecendo-o como o Messias e trazendo bênçãos para todo o mundo. Além disso, milénistas fazem

⁴ Milenismo ou milenarismo é a expectativa de um reino de Cristo sobre a terra, seja antes ou depois de sua parúsia. O milênio tem sido tema de muito debate entre cristãos fundamentalistas desde o século XX, em torno da interpretação de Apocalipse 20.2-7. A interpretação literal deste texto se deu a partir das especulações teológicas do século XVII, desenvolvendo uma série de esquemas ou programas sobre os acontecimentos apocalípticos, tanto na previsão dos acontecimentos finais, como na responsabilidade cristã dentro deles (GONZÁLEZ, 2009, p. 208-209).

uma leitura literal do Antigo Testamento a respeito da posse eterna de Canaã aos descendentes de Abraão (SIZER, 2004, p. 27-30).

O reconhecimento das raízes bíblicas do povo judeu contemporâneo entusiasmou muitos milenistas britânicos a investirem na restauração judaica e na sua evangelização. Entre eles, personalidades como Lewis Way (1772-1840), Charles Simeon (1759-1836), Joseph Wolff (1795-1862) e Charles Haddon Spurgeon (1834-1892) (SIZER, 2004, p. 34-41). Algumas figuras eminentes da monarquia britânica, também protestantes, entraram em ação a favor da causa judaica: Lorde Shaftesbury (1801-1885) foi o primeiro inglês a propor um estado judaico soberano na Palestina, e Lorde Palmerston (1784-1865) escreveu ao sultão em 1840 para pedir que ele encorajasse os judeus do Império Turco a se instalarem na Palestina (ICE, 2009, p. 9). Além destes, o sacerdote anglicano William Hechler (1845-1931), amigo de Theodor Herzl, foi entusiasta do auxílio cristão na restauração da pátria judaica (LISSOVSKY, 2009, p. 65). Havia, portanto, um ambiente a favor dos judeus da parte de grupos protestantes no contexto do imperialismo britânico do final do século XIX e início do XX. Tal envolvimento viria a se concretizar em uma ação política a favor dos judeus pelos já mencionados David Lloyd George e Arthur Balfour – dois políticos que comungavam das crenças milenistas do protestantismo de então.

Provavelmente a figura mais emblemática na elevação da questão judaica para o centro da escatologia milenista protestante tenha sido John Nelson Darby (1800-1882), criador da doutrina do *dispensacionalismo*.⁵ Darby procurava uma fé simples, buscando apenas na Bíblia as orientações para a vida, sem ajuda de comentários exegéticos acadêmicos. O princípio basilar de sua interpretação era um literalismo no elemento profético, chamado pelos seus defensores de “sentido simples”, marca essencial do dispensacionalismo (POCOCK, 2009, p. 130-131). Para Darby e seus seguidores, apesar de Cristo ser o cumprimento das profecias do Antigo Testamento relacionadas ao Messias, todas as demais promessas dadas ao Israel bíblico (sobre a posse da terra) continuam válidas e devem ser interpretadas literalmente (CHAPMAN, 2009, p. 137).

Assim como Israel, a Igreja também é portadora de promessas que devem ser cumpridas literalmente. Entretanto, para Darby são promessas de cunho espiritual,

⁵ Dispensacionalismo é um método de interpretação no qual a História se compõe de uma série de dispensações por meio das quais Deus revela uma ordenança para a humanidade, o que ela não consegue cumprir, e com isso surge uma nova dispensação. Esta interpretação considera que os livros de Daniel e do Apocalipse tratam de fatos do porvir, e que é possível determinar em que estágio nos encontramos. Os esquemas de Darby e Scofield determinam um total de sete dispensações, sendo que estamos atualmente na sexta, a da Igreja, que também terminará em grande apostasia, como todas as outras. Este esquema prevê que Israel será restaurado em suas fronteiras bíblicas quando Jesus voltar (GONZÁLEZ, 2009, p. 94-95).

embora tenha também realizações terrestres. Assim, em Darby, a esperança da Igreja é que ela compartilha a glória de Cristo, tanto terrestre como celestial; a esperança de Israel é o reino na Terra com Jesus Cristo sentado no trono de Davi. É por isso que o literalismo dispensacionalista termina por operar uma radical separação entre Israel e a Igreja, dando origem a uma doutrina jamais conhecida no cristianismo até então: o arrebatamento dos santos, secreto, separado e anterior à volta de Cristo. Nessa concepção, os cristãos verdadeiros serão elevados aos céus antes das tribulações do Apocalipse, ocasião em que as promessas incondicionais a Israel ganhariam seu cumprimento: o trono do Messias literalmente em Jerusalém, o povo judeu ocupando toda a terra prometida (do Egito até a fronteira com o Iraque), e o templo reconstruído em Jerusalém. Mas tudo aconteceria apenas quando o remanescente de Judá sair da grande tribulação e tiver reconhecido Jesus como seu Messias. Então Cristo voltará e dará início ao milênio, tendo Israel como glória e governo do mundo (BASS, 1960, p. 132-140).

Esta nova compreensão da profecia bíblica ganhou terreno entre os protestantes britânicos, migrando para os Estados Unidos por meio de Darby, participando como palestrante em vários congressos proféticos na América do Norte na segunda metade do século XIX (WILKINSON, 2007, p. 241).

1.2 O sionismo cristão nos Estados Unidos da América

O protestantismo norte-americano teve uma história peculiar. Seu desenvolvimento foi marcado por algumas características que podem ser listadas como: os avivamentos e movimentos de santidade; a emergência do fundamentalismo; e o amplo desenvolvimento do dispensacionalismo. Para esta reflexão, nos interessam os dois últimos.

O movimento fundamentalista surgiu nos Estados Unidos da América a partir de 1910, inicialmente como reação do protestantismo conservador à teologia liberal e modernista do século XIX, a qual revisitava os textos bíblicos com olhar cientificista e negava o caráter miraculoso de suas narrativas. Os conservadores defendiam os fundamentos básicos da fé ortodoxa protestante – como a inerrância do texto bíblico, a Trindade, o nascimento virginal de Cristo, entre outros. Basicamente, *fundamentalista* era quem defendia os fundamentos da fé cristã. Entretanto, por volta de 1925, os autodenominados fundamentalistas passaram a ampliar aquilo que eles definiam como fundamentos da fé para questões secundárias, envolvendo campanhas contra o evolucionismo, o comunismo e o ecumenismo, por exemplo. Neste estágio, o dispensacionalismo foi predominante como doutrina escatológica (OLSON, 2001, p. 581). Assim,

a crença de que Cristo voltaria fisicamente e encarnado para governar e reinar na terra por mil anos antes da ressurreição e do juízo final deixou de ser apenas uma opinião sustentada por alguns cristãos e foi elevada a “fundamento da fé” pela Associação Cristã Mundial dos Fundamentos fundada pelo principal ministro fundamentalista W. B. Riley (1861-1947) (OLSON, 2001, p. 576).

É bastante possível que o dispensacionalismo tenha tido ampla aceitação nos Estados Unidos da América justamente pela sua defesa da Bíblia em uma época em que sua autoridade era questionada pelo modernismo teológico. Além disso, os dispensacionalistas defendiam que qualquer cristão podia ler e interpretar as Escrituras sem a necessidade dos especialistas da academia teológica (WEBER, 2005, p. 36-39). Foi justamente neste tempo de emergência do movimento fundamentalista que ganharam popularidade os divulgadores da escatologia dispensacionalista, como William Eugene Blackstone (1841-1935), fundador da *Missão Hebraica de Chicago para Evangelização dos Judeus* e autor do best-seller *Jesus está vindo* (ICE, 2009, p. 17), Arno Gaebelein (1861-1945), judeu convertido ao cristianismo e criador de uma comunidade cristã messiânica, e Cyrus Scofield (1843-1921), autor da *Bíblia de Referência Scofield*, publicada em 1909 como a mais sistemática e popular expressão do dispensacionalismo clássico (WILKINSON, 2007, p. 251-258).

Foi entre os dispensacionalistas que começou o ensaio da ligação entre expectativa teológica e ação política. Blackstone criou o mito fundador do sionismo cristão dos Estados Unidos da América ao combinar a crença messiânica com a história nacional no seu mais profundo senso patriótico: para ele, o Estado norte-americano deveria desempenhar o papel que Ciro teve na restauração dos judeus a Sião, pois Deus teria escolhido os puritanos pela sua superioridade moral. Sua ideia, entretanto, não foi colocada em prática naquele tempo: dispensacionalistas permaneciam como observadores distantes dos acontecimentos internacionais. De qualquer maneira, a Declaração Balfour foi saudada pelos norte-americanos como uma indicação da iminência da volta de Cristo, celebrada nas conferências proféticas da Filadélfia e New York em 1918 (ARIEL, 2006, p. 77-79).

Apesar do impacto da declaração britânica, o dispensacionalismo permaneceu à margem das grandes denominações e seminários teológicos durante a primeira metade do século XX, restrito aos institutos bíblicos, de caráter interdenominacional. Tal *status* viria a mudar com a criação do Estado de Israel em 1948, produzindo o primeiro grande

impulso dos dispensacionalistas no cenário protestante norte-americano. A completa popularização da doutrina dispensacionalista viria a partir de 1967, na vitória israelense na Guerra dos Seis Dias. Profecias bíblicas pareciam estar se cumprindo, impulsionando a venda de literatura apocalíptica da qual os dispensacionalistas eram especialistas. Dominando os meios de comunicação de massa, eles atingiram em cheio a cultura popular aficionada pelo sobrenatural. Um exemplo dessa capacidade foi Hal Lindsey (1929-), cujo livro *A agonia do grande planeta Terra*, publicado em 1970, foi distribuído em livrarias seculares, farmácias, aeroportos e supermercados, vendendo milhões de unidades. Depois dele, outros autores ganharam notoriedade no campo escatológico, como John Walvoord, Charles Ryrie e Dwight Pentecost. O maior caso de sucesso até hoje provavelmente seja Tim LaHaye (1926-2016), autor do romance ficcional *Deixados para trás*, uma série de 12 livros com estrondoso sucesso de vendas e versões cinematográficas dos três primeiros volumes. A série tocou fundo na cultura norte-americana, e os ataques terroristas sofridos em 2001 ajudaram a contextualizar a visão apocalíptica de uma era (WEBER, 2004, p. 187-196).

Desde os anos 1970, a posição dos teólogos dispensacionalistas mudou da observação distante dos “cumprimentos proféticos” para o engajamento político em prol de Israel. Lindsey, por exemplo, chegou a contatar militares da Escola Superior de Guerra Aérea no Pentágono para apresentar sua análise do Oriente Médio e estratégias para uma possível Terceira Guerra Mundial. O teólogo não foi levado a sério, mas o acesso que teve a tais grupos revela a capacidade de aproximação política dos protestantes norte-americanos (WEBER, 2004, p. 197). Seu livro *Os anos 80, contagem regressiva para o juízo final*, publicado em plena Guerra Fria, demonstra como suas análises fundem profecia e política:

Precisamos colocar no governo indivíduos atuantes que não só irão refletir a moral bíblica em suas funções, mas também moldarão a política interna e externa de modo a proteger nosso país e nossa maneira de viver. É necessário eleger homens e mulheres que tenham coragem bastante para tomar as difíceis decisões exigidas no sentido de assegurar a sobrevivência de nosso povo. Eles devem estar dispostos a cortar as ostentações do governo, a impedir a exploração do sistema de bem-estar social, a manter nossos compromissos com os nossos aliados e a lutar contra a expansão comunista. Precisamos de pessoas que percebam a importância de uma poderosa força militar a fim de manter

a paz para nós e para o que resta do mundo livre
(LINDSEY, 1982, p. 137).

Lindsey é exemplo de um protestantismo que elegeria Ronald Reagan para a Casa Branca nos anos 1980. Os evangélicos conservadores foram os mais ardentes defensores dos judeus entre 1970 e 2000, promovendo políticas favoráveis ao Estado de Israel, redundando em um maciço apoio traduzido em dinheiro, armas e diplomacia diante da oposição árabe. O cumprimento do desejado papel histórico como o *Ciro* moderno, claro, era coincidente com os interesses políticos e econômicos do governo norte-americano (ARIEL, 2006, p. 81-82). Mas o elemento profético e teológico estava presente: Ronald Reagan (1911-2004), presidente entre 1981 e 1989, foi impactado pelas leituras de Lindsey, e muitas vezes mencionou que poderia fazer parte da geração que veria o Armagedom (SIZER, 2004, p. 86-89). Depois de Reagan, a cadeira da presidência norte-americana tem oscilado entre aproximação e distanciamento de Israel conforme alterna o partido republicano e democrata, até a recente emergência de Donald Trump e seu reconhecimento de Jerusalém como capital israelense. “*Ciro*” pode eventualmente sair de cena, mas a história nos mostra que ele acaba voltando ao comando dos Estados Unidos da América.

2. O sionismo cristão no Brasil

O protestantismo brasileiro, especialmente sua vertente pentecostal, tem estado engajado na causa do sionismo cristão, primeiramente como observador entusiasmado das profecias escatológicas, e finalmente como agente ativo na política externa do governo do Brasil. Seu exemplo vem de fora: ele deriva do protestantismo norte-americano.

2.1 O rosto norte-americano do protestantismo brasileiro

A gênese protestante no Brasil se deu com o *protestantismo de imigração*, primeiro com os anglicanos (1810), mas fundamentalmente com a chegada dos imigrantes alemães luteranos a partir de 1824. O segundo grupo foi o *protestantismo missionário*, iniciado com a fundação do Conselho Americano de Comissários para Missões Estrangeiras em 1810, seguido de diversas ações missionárias das denominações batista, metodista, episcopal e presbiteriana ao longo do século XIX. Esse grupo, pertencente às grandes denominações do protestantismo histórico, tem origem nos Estados Unidos da América (MENDONÇA et. al., 1990, p. 27-46).

O terceiro grupo formado no protestantismo brasileiro foi o *pentecostalismo*, iniciado em 1910 com a chegada dos EUA dos suecos Gunnar Vingren (1873-1933) e

Daniel Berg (1884-1963), organizadores em 1918 da primeira igreja Assembleia de Deus, seguidos da Congregação Cristã, fundada pelo ítalo-americano Luigi Francescon (1866-1964). A Assembleia de Deus e a Congregação Cristã foram os “pentecostais da primeira onda”. Depois dos anos 1950, veio a “segunda onda” com a Igreja Quadrangular, oriunda da Califórnia, e sua versão nacionalizada, a igreja O Brasil para Cristo, criada em 1955, entre outras. A “terceira onda”, ou o “neopentecostalismo”, surgiu no final da década de 1970 e teve expoentes como a Igreja Universal do Poder de Deus e Internacional da Graça de Deus, seguida de muitas outras igrejas de linhagem semelhante (FREESTON, 1996, p. 20-21).

Não cabe aqui realizar uma análise pormenorizada de cada igreja ou denominação protestante plantada no Brasil ao longo de dois séculos. O que nos interessa é verificar que há certa uniformidade de origem – ou inspiração – para o protestantismo brasileiro, o qual tem seu centro nos Estados Unidos da América. O protestantismo de imigração foi basicamente um luteranismo vindo da Alemanha, mas teve seu representante norte-americano no Sínodo do Missouri (dando origem à IELB). Já o protestantismo missionário possui praticamente todas as suas vertentes oriundas da América do Norte. A influência não foi diferente no pentecostalismo e neopentecostalismo. Se a origem da Assembleia de Deus – a maior denominação brasileira – foi um pentecostalismo de tipo europeu, ela recebeu cada vez mais inovações teológicas e institucionais dos missionários norte-americanos chegados desde os anos 1950. A Igreja Quadrangular trouxe estratégias de comunicação e doutrina prontas dos EUA e, no caso da “terceira onda”, a influência norte-americana está presente na importação da Doutrina da Prosperidade, formulada por Kenneth Hagin – um dos muitos autores norte-americanos traduzidos no Brasil. Além disso, muitos brasileiros tiveram sua formação em seminários da terra do *Uncle Sam*, e outros tantos pregadores norte-americanos foram trazidos ao Brasil. Por isso, Ricardo Mariano conclui que tais exemplos “são suficientes para mostrar a crescente influência e penetração de modismos teológicos e de instituições norte-americanos no pentecostalismo brasileiro recente” (MARIANO, 1999, p. 41).

Nossa defesa, portanto, é que a raiz histórica dos protestantismos brasileiros está nos Estados Unidos da América. Mais do que isso, os brasileiros assumiram diversas características de seus genitores, tanto na maioria das igrejas protestantes históricas como no pentecostalismo e neopentecostalismo.

Tal ligação histórica significou também a manutenção de certas “características genéticas” dos protestantismos norte-americano e brasileiro. Nos Estados Unidos da América, a doutrina dispensacionista esteve alinhada à ortodoxia protestante, ganhando notoriedade especialmente entre os fundamentalistas de base pentecostal, uma vez que propunha uma interpretação literalista radical das Escrituras. Além disso, seus defensores

eram independentes das denominações, atuando especialmente nos institutos bíblicos, conquistando um amplo público pelo ensino e literatura de caráter sobrenatural. Pois estes institutos bíblicos e outras organizações para-eclésiásticas norte-americanas ganharam espaço no Brasil a partir dos anos 1970 (BELLOTTI, 2009, p. 293), e a maioria delas trouxe embutido o ensino dispensacionalista.

Segundo Mendonça, o fundamentalismo milenista floresceu no Brasil em 1921 na publicação da obra de Alfredo Borges Teixeira intitulada *Maranata*. Na esteira deste, outros autores presbiterianos publicaram obras como *A bíblia e o fim do Mundo*, *A Bíblia e o tempo*, *Profecias e dispensações* e *As coisas que em breve devem acontecer* (MENDONÇA et. al., 1990, p. 141-142). Tais obras foram as predecessoras de uma verdadeira explosão depois de 1970. Os grandes best-sellers de Hal Lindsey foram traduzidos para o português, especialmente *A agonia do grande planeta Terra*. Para aferir a dimensão de tal influência, em pesquisa recente Reinke encontrou 128 obras de cunho dispensacionalista em bibliotecas e sebos (obras já esgotadas), 60% deles livros traduzidos de autores norte-americanos. Também encontrou outros 133 títulos dispensacionalistas atualmente à disposição nas mais diversas editoras, sendo mais da metade deles também traduções de autores norte-americanos, alguns reimpressos há décadas. Ou seja, a literatura desse tipo de interpretação profética, com origem nos EUA, tem sido recorrente desde o início do século XX e continua ativa até hoje. Além disso, as Bíblias de estudo populares são dispensacionalistas, estando entre as mais vendidas no meio protestante brasileiro, sem contar os diversos comentários bíblicos (REINKE, 2018, p. 104-108).

Em resumo: a influência do pensamento fundamentalista e dispensacionalista norte-americano foi avassaladora no Brasil. Denominações pentecostais, como a Assembleia de Deus, subscrevem literalmente o dispensacionalismo em suas confissões e credos. Tal presença foi constatada pelo pastor batista Harald Schaly ainda em 1984: "Hoje este sistema se infiltrou em quase todas as denominações, e é extremamente ativo, sendo propagado através de livros, artigos e programas sensacionalistas de rádio e televisão" (SCHALY, 1984, p. 13).

Mas não se trata apenas de uma ideia ou doutrina a ser pensada; o dispensacionalismo norte-americano demanda engajamento político, como bem ilustra um artigo publicano na *Bíblia de estudo profética LaHaye*, também traduzida para os brasileiros:

A igreja faria bem em redescobrir o significado bíblico de São. Devemos redescobrir aqueles cristãos heroicos que têm zelo e compaixão por Jerusalém, que batalham contra o racismo, o preconceito e o ódio contra os judeus. Acima de

tudo, que a Palavra de Deus nos convença daquilo que o Senhor investiu em Israel (Ez 36). A santidade de Deus e o retorno dos judeus à sua terra deveriam cativar cada crente em Cristo. Sombras de cegueira deveriam ser removidas dos olhos dos desinformados e mal informados. [...] A igreja, o povo judeu, políticos e nações do mundo estão se submetendo a um teste fundamental. *Sob o olhar atento de Deus, desempenhos são avaliados e destinos são determinados, com base não só no exercício da nossa fé, mas também no nosso relacionamento com o povo judeu* (BÍBLIA LaHaye, 2005, p. 795). [grifo nosso]

LaHaye resume o quão comprometido o cristão deve ser com a causa judaica no que se refere à sua questão nacionalista. O zelo bíblico deve levar inevitavelmente à luta contra o ódio aos judeus, mas mais do que isso: os destinos eternos dos cristãos não são baseados apenas na fé – abandona-se o *sola fide* da tradição reformada –, mas na forma como eles se relacionam com a atual nação de Israel.

2.2 O sionismo cristão no protestantismo brasileiro

Nos Estados Unidos da América, a escatologia dispensacionalista deixou a especulação teológica e observação histórica e adentrou no campo político com um forte *lobby* junto ao seu governo a fim de produzir um efetivo apoio *incondicional* ao Estado de Israel. As principais ações têm sido por meio das viagens bíblicas a Israel (o turismo religioso como promotor do interesse pelo Estado de Israel), organizações sionistas cristãs as mais diversas, e pela presença de protestantes em postos-chave do governo norte-americano.

As viagens bíblicas são uma “febre” no Brasil. Gedeon Alencar percebeu aqui uma espécie de “sionismo ingênuo”, uma “febre judaizante no mundo protestante brasileiro”, que produz cada vez mais viagens em uma verdadeira idolatria à Terra Santa, cujo subproduto seria o “apoio incondicional a Israel” (ALENCAR, 2005, p. 144). Tal apoio é bem recebido pelas autoridades israelenses, como a manifestada pelo Ministro de Turismo de Israel na *Marcha para Jesus em Israel*, realizada em outubro de 2013, quando afirmou: “O profeta Jeremias fala da volta do povo de Israel para Sião e hoje estamos aqui, saímos do exílio para construir o estado de Israel. Nosso Estado agradece o apoio incondicional de vocês” (ARAGÃO). Reinke pesquisou o turismo a Israel partindo do Brasil, encontrando pelo menos 21 empresas especializadas em viagens bíblicas com roteiros acompanhados de teólogos eminentes do cenário protestante brasileiro

(REINKE, 2018, p. 151). Um dos versículos utilizados por agências para promover as viagens é o da profecia de Zacarias 4:17: “E acontecerá que aquele das famílias da terra que não subir a Jerusalém para prostrar-se diante do rei, Iahweh dos Exércitos, para ele não haverá chuva”. Na interpretação literalista radical dos dispensacionalistas, a economia de uma nação depende do apoio a Israel.

Vejam os a política brasileira. Tem havido um aumento gradativo de presença dos protestantes nos cargos públicos dos poderes executivo e legislativo, especialmente depois dos anos 1980. A tônica desta ascensão foi essencialmente pentecostal e neopentecostal (MACHADO, 2014, p. 606). Provavelmente a mais evidente demonstração de tal crescimento seja a presença da Frente Parlamentar Evangélica no Congresso Nacional. No atual mandato, a Frente – popularmente chamada de Bancada Evangélica – é composta por 195 deputados federais e 8 senadores (CÂMARA, *Frente Parlamentar Evangélica*). Em termos percentuais, a Bancada Evangélica corresponde a 34% do total de eleitos ao Congresso Nacional – lembrando que nem todo protestante eleito faz parte da Bancada, o que significa um percentual ainda maior deste grupo entre os congressistas.

É nas ações da Bancada Evangélica que concentramos nossa atenção para verificar a influência do sionismo cristão no contexto político brasileiro. Uma forma de aferir tal influência foi verificar a participação da Bancada nos Grupos Parlamentares. Esses grupos são comissões responsáveis por realizar ações diversas entre o Congresso brasileiro e parlamentos de países estrangeiros, tendo o intuito de fortalecer as relações mútuas (segundo descritivo no topo do site em CÂMARA, *Grupos Parlamentares*). Observando a participação de membros da Bancada Evangélica em diversos grupos, constatamos algumas peculiaridades. Por exemplo, a Bancada demonstra interesse menor em países latino-americanos: Argentina possui 10 parlamentares, sendo 4 evangélicos; no Chile, dos 9 membros, apenas 2. Ao verificar a China, um grupo com 31 participantes, apenas 4 evangélicos foram encontrados. Na Alemanha, de 11 membros, 4 evangélicos. Na França, um aumento: de 44 membros, 23 evangélicos (mais da metade). Nos Estados Unidos da América, de 58 membros, 26 evangélicos. Entretanto, quando verificamos Israel, há uma elevação acentuada: dos 35 membros do grupo, 27 são evangélicos – ou seja, 77%. No caso dos Emirados Árabes, uma nova surpresa: dos 15 membros, 12 evangélicos – 80% dos membros totais. Ou seja, há um interesse da Bancada Evangélica em Israel e no Oriente Próximo.

Uma segunda maneira de verificar a atuação da Bancada a favor de Israel foi na análise dos discursos de seus representantes em plenário. E eles têm ocorrido com certa frequência, em datas comemorativas do Estado de Israel e nos momentos mais quentes da política internacional. Tomemos, por exemplo, o discurso do deputado Roberto de

Lucena (PV-SP), membro da Bancada Evangélica, em maio de 2017. Sua manifestação foi a respeito do voto favorável do Brasil, então presidido por Michel Temer, à resolução da UNESCO reafirmando a importância de Jerusalém para as três religiões monoteístas e classificando Israel como potência ocupante. Lucena assim discursou:

Esse não seria o voto dos brasileiros, se pudessem votar, pois 90% de nossa população é cristã, e Israel é a segunda pátria de todos os cristãos. O povo brasileiro ama Israel! Como é possível que isso não seja considerado pelo Itamaraty? Como é possível continuarmos virando as costas aos anseios do nosso próprio povo, ao nosso senso de justiça e verdade e às bênçãos advindas das promessas de Deus para os que abençoarem Israel? Levei pessoalmente essa preocupação aos Ministros Antonio Patriota e Mauro Vieira, do Governo anterior, e à própria Presidente Dilma; levei pessoalmente essa preocupação ao Ministro José Serra, ao Ministro Aloysio Nunes e ao próprio Presidente Michel Temer. Mas fui um João Batista, uma voz que clama no deserto, pois, mais uma vez, não me deram ouvidos. A Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional ontem esteve na Embaixada de Israel, levando ao Embaixador Yossi Shelley, a sua solidariedade e manifestando o seu descontentamento. E esse descontentamento não será um “segredo escondido”, será perceptível! Continuaremos lutando para que o Brasil reveja seu posicionamento. Que Deus abençoe Israel! Que o Deus de Israel abençoe o Brasil! (DIÁRIO, 2017, p. 105-106).

Em sua fala podemos perceber todos os ingredientes de um sionismo cristão típico de matriz norte-americana: Israel como segunda pátria dos cristãos, promessa de bênçãos à nação que apoiar Israel, lobismo junto ao governo brasileiro, ligação com autoridades israelenses e afirmação do engajamento político na causa. O interesse dos políticos da Bancada Evangélica tem origem religiosa, e a esperança de desenvolvimento econômico do Brasil parece estar ancorada na solidariedade com o Estado israelense. É um sionismo cristão semelhante ao professado nos Estados Unidos da América.

2.2 A nova política externa do Brasil: alinhamento aos Estados Unidos e a Israel

É fato notório que a eleição de Jair Messias Bolsonaro ao cargo de presidente da República representou a emergência da direita ao poder executivo nacional. O candidato venceu o pleito com amplo apoio de setores conservadores da política brasileira, especialmente entre cristãos católicos e protestantes. A Bancada Evangélica configura-se, hoje, em uma das mais importantes bases de apoio do presidente no legislativo (FOLHA). É por essa razão que suas declarações iniciais em relação à política externa – alinhamento aos Estados Unidos da América e a Israel – não devem surpreender. Elas nada mais são do que a correspondência aos interesses e valores do segmento protestante sempre presente no cenário brasileiro, mas sem oportunidade de fazer valer a sua vontade – até agora.

O alinhamento aos Estados Unidos da América como fundamental parceiro político e econômico está perfeitamente adequado ao desejo do “rosto norte-americano” dos protestantismos brasileiros, em grande parte admiradores da reação conservadora do governo Donald Trump. O desejo de imitar os norte-americanos aparece explicitamente no convite da Bancada Evangélica ao *Capitol Ministries* para atuar junto ao Congresso Nacional, conforme noticiado no próprio *site* do ministério e em diversas mídias brasileiras (CAPITOL). Este ministério, fundado em 1996, promove estudos bíblicos entre políticos para “criar discípulos de Jesus Cristo na arena política ao redor do mundo”, como afirmado na página *Who we are* do mesmo site. Os evangélicos brasileiros buscaram nos EUA a inspiração religiosa para a sua política.

Quanto ao alinhamento pró-Israel, ele pode ser verificado nos discursos proferidos na sessão solene em homenagem aos 71 anos de criação do Estado de Israel, realizada na Câmara dos Deputados no dia 21 de maio de 2019 (DIÁRIO, 2019). A sessão contou com a presença de Yossi Schelley (Embaixador de Israel), Ruth Goldberg (Diretora da Confederação Israelita do Brasil) e Daniel Leon Bialski (Presidente da Hebraica). Dos 15 pronunciamentos de deputados, 14 eram de membros da Bancada Evangélica. Comum a todos os discursos foram frases de bênção a Israel, bênção a Jerusalém e invocação da bênção do Deus de Israel para o Brasil. Também foi recorrente a comemoração da criação do Estado de Israel como um cumprimento das profecias bíblicas, como registrado no discurso de Aroldo Martins (PRB-PR), ligando Isaías 66:8-13 à independência de Israel em 1948 (DIÁRIO, 2019, p. 14). O amor por Israel foi ressaltado por cada um dos discursos. Silas Câmara (PRB-AM) registrou o motivo de tal amor por ter aprendido com os pais – ele é a quinta geração de pastores – sobre a volta de Cristo e sobre Israel nas histórias bíblicas. Sua conclusão: “Quem ama Israel, ama Deus! Portanto, nós amamos Israel, amamos Deus!” (DIÁRIO, 2019, p. 17). O deputado Pr. Marco Feliciano (PODE-SP) mencionou o interesse do presidente em reconhecer

Jerusalém como capital de Israel, esperando que “o nosso Presidente da República cumpra o mais rápido possível a sua promessa de campanha de transferir a Embaixada para onde Israel quer” (DIÁRIO, 2019, p. 23). A deputada Carla Zambelli (PSL-SP) traduziu sua paixão da seguinte maneira:

Eu tenho parentes que moram em Israel: meus tios, minhas primas. Eles constituíram família, que têm filhos em Israel. Eu sou metade judia. Eu só não sou judia, infelizmente, porque não nasci de um ventre judeu, mas me considero judia, com o aval do Daniel. Com seu aval, eu sou praticamente judia. Mantenho no meu gabinete a bandeira de Israel, e o faço não pela religião, mas sim porque considero, de verdade, que essa é a nação protegida por Deus. Independentemente de qualquer religião, as pessoas que acreditam em Deus sabem que ali está o coração do mundo, o coração religioso, que representa Deus em todo o mundo (DIÁRIO, 2019, p. 35).

O sentimento religioso motiva a ação política, pois está vinculado à necessidade de abençoar Israel para ser abençoado. Esse sentimento é comum a todos os oradores do evento, o qual pode ser resumido na fala de Gilberto Nascimento (PSC-SP):

Eu falo em nome do nosso PSC – Partido Social Cristão. Quero cumprimentar o Pastor Everaldo Dias Pereira, que teve a oportunidade de estar em Jerusalém, quando nosso hoje Presidente Bolsonaro desceu às águas do Rio Jordão, e ele estava ali fazendo este rito. Portanto, Pastor Everaldo, Deus abençoe sua vida! (...) Embaixador, quero neste momento dizer que nós amamos o povo de Israel e entendemos a Bíblia quando diz bem-aventurados os que abençoam Israel (DIÁRIO, 2019, p. 32).

O deputado Zequinha Marinho (PSC-PA) afirmou o compromisso obrigatório com Israel para quem afirma amar a Bíblia e Deus:

Quem ama Deus, quem ama a Bíblia, também ama Israel. Não há como não amar. Sabemos do compromisso de Deus

com o seu povo e com aqueles que amam e bendizem Israel. A promessa a Abraão foi não só para ele, mas também para aqueles que adorassem o Deus de Abraão e fossem amigos de Abraão. Aí está a razão de ser da bênção de Deus. Fico muito feliz neste momento também em lembrar aqui que o Presidente Bolsonaro reatou com Israel relações que estavam um pouco desorganizadas e estremecidas. Diante disso, tenho a certeza de que a bênção de Deus vai estar sobre o Brasil também em função dessa amizade, desse carinho, desse respeito e desse amor pelo povo da promessa divina. (...) Que Deus possa continuar abençoando o Brasil através de Israel (DIÁRIO, 2019, p. 38).

Portanto, concluímos que o Congresso Nacional possui representantes de um sionismo cristão ativo. Tal ação tem seu reflexo no Palácio do Planalto, o qual vamos mencionar rapidamente. O Brasil manteve uma posição histórica de neutralidade e pragmatismo econômico no conflito entre israelenses e palestinos desde os governos militares, posição mantida em todos os mandatos civis até Dilma Rousseff (VENEMA et. al., 2016, p. 51). Mas esta posição teve uma virada significativa a partir de Bolsonaro e do ministro Ernesto Araújo. As notícias do início de 2019 dão conta de que havia intenção da parte do governo em transferir a embaixada brasileira para Jerusalém, a exemplo dos Estados Unidos da América. Entretanto, outra base de apoio se insurgiu – a dos ruralistas, a qual teria perdas significativas na exportação de carnes para o mercado árabe em caso de boicote (QUERO). Houve um recuo estratégico por parte da diplomacia brasileira, o que mostra a complexidade da situação atual e o quanto a decisão por Jerusalém foi fundamentalmente religiosa.

Enfim, o que vemos atualmente na política nacional é uma situação plenamente previsível pela configuração do protestantismo brasileiro: de influência norte-americana, fundamentalista e dispensacionista. O que é novo: a chegada deste grupo ao *status* de principal força de apoio de um governo conservador. O que isso significará em termos de um sionismo cristão eficientemente engajado na política externa, apenas o tempo dirá.

Considerações finais

Entusiasmo profético, doutrina escatológica e interesses político-econômicos estão imbricados no sionismo cristão de matriz norte-americana. Essa característica aparece marcada na sua versão brasileira, produto de décadas de influência teológica por

meio de treinamento de pastores e líderes e de uma vasta literatura traduzida do inglês e publicada no Brasil. Temos hoje um sionismo cristão ativo na política nacional, convicto de que Deus abençoará o Brasil se nossa nação se posicionar incondicionalmente ao lado de Israel. Evidentemente, é uma situação complexa, em um jogo político que terá muitos desdobramentos nos próximos anos. Mas o que podemos aferir em nossa pesquisa é que a escatologia dispensacionalista saiu das igrejas e passou a atuar concretamente no cenário político do Congresso Nacional e do Palácio do Planalto, muito próxima à Presidência da República. Os sionistas cristãos brasileiros lutarão com armas políticas pela sua fé e pela paz em Jerusalém.

Referências

- ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim*: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Arte Editorial, 2005.
- ARAGÃO, Jarbas. *Brasileiros promovem marcha para Jesus em Jerusalém*. Disponível em: <<https://www.gospelprime.com.br/marcha-para-jesus-2013-israel/>> . Acesso em: 20 nov. 2019.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARIEL, Yaakov. An unexpected alliance: Christian Zionism and its historical significance. *Modern Judaism*: a journal of Jewish ideas and experience, Oxford, Inglaterra, Volume 26, Issue 1, p. 74-100, Feb. 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/mj/kjj005>>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- BARRUCHO, Luís. 'Falei para chamar atenção', diz deputado ao justificar voto pela 'paz em Jerusalém'. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160420_entrevista_ronaldo_fonseca_paz_jerusalem_lgb>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- BASS, Clarence. *Backgrounds to dispensationalism*: The historical genesis and ecclesiastical implications. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1960.
- BELLOTTI, Karina. Entre a cruz e a cultura pop: mídia evangélica no Brasil. In.: FERREIRA, João Cesário Leonel (Org). *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro*. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009.
- BÍBLIA de estudo profética LaHaye. São Paulo: Hagnos, 2005.
- BUSH, Andrew F. The Implications of Christian Zionism for Mission. *International Bulletin of Missionary Research*, New Heaven, USA, v. 33, n. 3, p. 144-150, July 2009. Disponível em: <<http://www.internationalbulletin.org/issues/2009-03/>>. Acesso em: 26 mar. 2020.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional*. Disponível em:

- <<https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54010>>.
Acesso em: 20 nov. 2019.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. Grupos Parlamentares. Disponível em:
<<https://www.camara.leg.br/internet/deputado/grupos-parlamentares.asp>>. Acesso
em: 20 nov. 2019.
- CAPITOL MINISTRIES. *New Ministry to Brazil Congress: "This is What We Were Waiting For!"* Disponível em: <<https://capmin.org/new-ministry-to-brazil-congress-this-is-what-we-were-waiting-for/>>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- CHAPMAN, Colin. Premillennial Theology, Christian Zionism, and Christian Mission. *International Bulletin of Missionary Research*, New Heaven, USA, v. 33, n. 3, p. 137-144, July 2009. Disponível em: <<http://www.internationalbulletin.org/issues/2009-03/>>. Acesso em: 18 jul. 2017. p. 137.
- DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. Ano LXXII, n. 075, 05 de maio de 2017. Disponível em:
<<http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD0020170505000750000.PDF>>.
Acesso em: 20 nov. 2019. p. 105.
- DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. Ano LXXIV nº 82, quarta-feira, 22 de maio de 2019. Disponível em:
<<http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD0020190522000820000.PDF>>.
Acesso em: 20 nov. 2019.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Bancada evangélica aclama novo presidente e renova apoio a Bolsonaro*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/bancada-evangelica-aclama-novo-presidente-e-renova-apoio-a-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 26 mar. 2020.
- FRESTON, Paul. *Pentecostalismo*. Belém: Unipop, 1996.
- GONZÁLEZ, Justo. *Breve dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.
- ICE, Thomas. Lovers of Zion: A History of Christian Zionism. *Article Archives*, Lynchburg, USA, Paper 29, p. 1-27, May 2009. Disponível em:
<https://digitalcommons.liberty.edu/pretrib_arch/29/>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- LANGE, Nicholas de. *Povo judeu: odisseia através dos séculos*. Barcelona: Ediciones Folio, 2007.
- LINDSEY, Hal. *Os anos 80: contagem regressiva para o juízo final*. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- LISSOVSKY, Alexandre. *2000 anos depois: o renascimento de Israel* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. Disponível em:
<<http://books.scielo.org/id/tfhj9>>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- MACHADO, Maria das Dores Campos; BURITY, Joanildo. A ascensão política dos

- pentecostais no Brasil na avaliação de líderes religiosos. *DADOS – Revista de ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 57, n. 3, 2014, p. 601-631. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/00115258201419>>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- OLSON, Roger E. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- POCOCK, Michael. The Influence of Premillennial Eschatology on Evangelical Missionary Theory and Praxis from the Late Nineteenth Century to the Present. *International Bulletin of Missionary Research*, New Heaven, USA, v. 33, n. 3, p. 137-144, July 2009. Disponível em: <<http://www.internationalbulletin.org/issues/2009-03/>>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- QUERO, Caio. *Bolsonaro em Israel: Presidente brasileiro recua sobre embaixada comercial em Jerusalém*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47766575>>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- REINKE, André Daniel. *O sionismo cristão e sua influência na cultura protestante brasileira*. Dissertação (Mestrado). São Leopoldo: EST/PPG, 2018. Disponível em: <<http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/900>>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- SAND, Shlomo. *A invenção da Terra de Israel: de Terra Santa a terra pátria*. São Paulo: Benvirá, 2014.
- SCHALY, Harald. *O pré-milenismo dispensacionista à luz do amilenismo*. Rio de Janeiro: JUERP, 1984.
- SIZER, Stephen. *Christian Zionism: Road-map to Armageddon?* Downers Grove, Illinois, EUA: InterVarsity Press, 2004.
- VENEMA, Bert; ALEXANDER, Iñigo; KLUWE, Lauro; BRANCHTEIN, Rafael; DICHUTA, Rodrigo. O posicionamento da diplomacia brasileira para o Estado de Israel: da criação aos choques do petróleo. *Perspectiva*, v. 9, n. 15 (2016), p. 40-53. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/RevistaPerspectiva/article/view/71293/40455>>. Acesso em: 26 mar. 2020.
- WEBER, Timothy P. *On the road to Armageddon: how evangelicals became Israel's best friend*. Grand Rapids, MI, EUA: Baker Academic, 2005.
- WILKINSON, Paul Richard. *For Zion's sake: Christian Zionism and the role of John Nelson Darby*. Milton Keynes: Paternoster, 2007.